

ANTROPOLOGIA

Cafundós da África mítica

Pesquisa revela como foi mantida língua africana secreta em comunidade negra no Brasil

■ Cafundó: a África no Brasil
Carlos Vogt e Peter Fry
Companhia das Letras / Editora
Unicamp, 373 páginas
R\$ 26

MARINA DE MELLO E SOUZA

Há quase vinte anos, alertados por jornalistas acerca da existência de uma comunidade de negros que falava uma "língua africana" e morava em terras doadas a escravos seus antepassados, Carlos Vogt e Peter Fry envolveram-se numa pesquisa e aventura humana de dimensões muito especiais, só agora repetida com o público que não frequenta a academia e seus fóruns particulares de debate.

Cafundó: a África no Brasil, é livro de se ler de um só fôlego, deixando-se transportar por uma variedade de temas da maior importância para o entendimento da realidade brasileira, para o papel do pesquisador no mundo sobre o qual atua e para o debate acadêmico acerca da contribuição do negro na formação de nossa sociedade.

Tendo como fio condutor o desvendar das condições que permitiram a manutenção de um modo de falar e de um vocabulário de origem banto (grupo macro-linguístico dos povos habitantes da África Central), a narrativa transporta o leitor por diferentes momentos do tempo, por diferentes lugares, por diversas disciplinas, sempre dialogando de forma densa com a bibliografia existente e mantendo a clareza e simplicidade estilística que garantem o prazer da leitura. Fiéis a seu pressuposto conceitual de que a "língua africana", a *cupópia*, só pode ser entendida a partir da história, da cultura e das relações sociais internas à comunidade é desta com a sociedade abrangente, realizaram uma obra interdisciplinar, que reuniu o antropólogo Peter Fry, o lingüista e poeta Carlos Vogt e o historiador Robert Slenes, que redigiu um pequeno trecho do livro e esteve presente no começo da pesquisa. Ainda no que diz respeito à contribuição metodológica do livro, cabe destacar o constante desvendar dos caminhos percorridos pelos pesquisadores ao longo dos anos de trabalho, partilhando com o leitor incertezas, justificando opções, esmiuçando os passos dados e refletindo sobre a interferência da pesquisa no grupo social que era o seu objeto: O envolvimento afetivo dos pesquisadores com seu tema é certamente mais um fator a despertar a simpatia do leitor, mérito especialmente digno de louvor em meio à aridez muito comum na produção acadêmica.

Partindo de um detetivesco trabalho nos arquivos cartoriais da região de Sorocaba em busca de informações relativas ao processo de doação de ter-



Escravo na metade do século passado: descoberta de uma língua africana

ras a escravos, práticas mais frequente do que se imagina, os autores traçam um panorama das relações entre aqueles senhores e seus escravos, antepassados dos habitantes do Cafundó. Com isso, enriquecem a discussão referente à formação de grupos de parentesco no seio da sociedade escravista e às formas de dominação e resistência nos limites das relações patriarcais, por meio de concessões dos senhores e conquistas dos escravos. Aliando a pesquisa em arquivos à história oral, reconstituem o passado da comunidade do Cafundó e de outra comunidade semelhante. Caxambu, hoje desaparecida depois que negociações obscuras com as terras herdadas desalojaram de lá seus últimos habitantes: em algumas versões, os que ensinaram a *cupópia* para o pessoal do Cafundó.

Da história passam para os momentos em que a "língua africana" do Cafundó é falada, desvendando seus níveis de segredo e usos sociais. A hipótese dos autores é que ela é "uma forma de estabelecer solidariedades e alianças entre seus membros e entre estes e os habitantes da cidade de Salto de Pirapora e mesmo os representantes do "poder distante", que a eles chegaram depois da grande imprensa divulgar a peculiaridade de sua sua fala. Uma vez exposto o quadro histórico e social que envolve os falantes da *cupópia*, contam-nos sobre ela, arrolam as palavras do seu vocabulário, explicam os mecanismos linguísticos usados para expandi-lo e mostram como os sentidos dependem em grande parte do contexto no qual se desenrola a conversa. Com evidentes raízes africanas, a *cupópia* é fruto de um processo cultural vivido por uma comunidade de descendentes de escravos, pobres, expoliados de suas terras por fazendeiros vizinhos, que constroem uma África mítica na busca de uma identidade particular. Se eles utilizavam a sua língua secreta como forma

de se impor à sociedade circundante, agora o fazem com mais intensidade, inseridos numa discussão maior, reconhecida no texto da Constituição que garante a propriedade da terra ocupada aos descendentes de comunidades negras aquilombadas. Dessa forma, os pesquisadores, depois de nos desvendarem a criação, os significados, uso e a função da "língua africana" falada no Cafundó, voltam ao centro da cena como agentes políticos envolvidos na mudança de uma realidade sobre a qual não podem se furtar de atuar a partir do momento que decidem estudá-la. Fechamos o livro, enriquecido com muitos mapas, fotografias e um quadro comparativo das palavras de "línguas africanas" localizadas no Brasil e suas prováveis origens, certos de que a universidade pode ter um papel muito mais abrangente do que a formação de profissionais qualificados e aprimoramento do conhecimento, influenciando ativamente na direção da sociedade.